

Roriz, a máquina de fa

Carlos Setti

"Você pode escrever: eu vou fazer 16 dos 24 deputados distritais e os dois senadores".

O desafio bem poderia ser apenas uma bravata de campanha, mas não deve ser desprezado. O autor dele é Joaquim Domingos Roriz, um goiano de 58 anos que ocupa hoje a cadeira de governador de Brasília e o indiscutível lugar de maior liderança política da capital da República.

Roriz pode fazer mais do que isso. As pesquisas indicam que seu candidato ao GDF, o senador Valmir Campelo (PTB), lidera folgado a corrida ao Palácio do Buriti e pode até vencer no primeiro turno, se subir mais um pouco.

O governador não duvida disso. "Os indecisos vão todos para o Valmir", sentencia Roriz.

Máquina - Tanta confiança pode até não se confirmar integralmente, mas tem suas razões. Roriz levou seis anos construindo uma verdadeira máquina de produzir votos no DF.

Quando a política brasileira era feita principalmente no Plano Piloto, ele tornou-se o rei da periferia, distribuindo 120 mil lotes nos assentamentos e capilarizando a sua influência por meio de uma rede fiel de cerca de mil líderes comunitários.

Na ótica do governador, essa é uma forma de praticar a atividade política em favor dos pobres. Para a oposição, significa a adoção de métodos clientelistas típicos de um coronel do interior.

"Ele distribui lotes, nomeia milhares de funcionários sem concurso, usa a máquina pública e as frequentes inaugurações e solenidades oficiais para fazer campanha para seus candidatos", acusa o deputado distrital Eurípedes Camargo (PT).

As acusações não se restringem ao estilo de fazer política. O governador viveu o seu pior momento durante a CPI do Orçamento, no segundo semestre do ano passado.

Inquéritos - Foram três meses de um feroz tiroteio, durante o qual foi atingido, entre outras, pela acusação de ter usado laranjas (testas-de-ferro) para repassar dinheiro a deputados distritais.

O relatório final da CPI resultou na abertura de seis inquéritos pela Polícia Federal, devidamente autorizados pelo Superior Tribunal de Justiça.

Agora, a Justiça Eleitoral investiga o uso da máquina pública para a campanha eleitoral dos correligionários do governador.

A principal acusação contra ele é a de ter empregado recursos do GDF no grande comício de Fernando Henrique Cardoso e Valmir Campelo na Samambaia, há duas semanas.

Se as acusações são verdadeiras, a Justiça vai dizer. Mas o fato de o candidato do PSDB à presidência da República ser obrigado a uma constrangida dupla militância em Brasília é, por si só, demonstração da força política de Roriz.

Carisma - O partido de Fernando Henrique tem uma candidata ao Buriti, Maria de Lourdes Abadia. Mas não se arrisca a desprezar o apoio do governador. Até a dureza dos adversários locais termina reconhecendo, ainda que não de público, o quanto Roriz é carismático e a grande influência que exerce.

"É uma pena que a militância de esquerda tenha de ter Roriz sempre presente, nas conversas e nas propostas", admite o candidato a governador pela Frente Brasília Popular, Cristovam Buarque.

Nos assentamentos da periferia do DF, o carisma é incontestável. "Ele é meu pai, meu mestre, meu amigo, meu tudo", resumia Selma Iolanda, entusiasmada representante comunitária da Samambaia, em recente comício. "Sorri, governador, senão eu morro".

Esta experiência popular, Roriz trouxe de suas raízes goianas, que não esquece. Ele é hoje um raro político com raízes em dois territórios eleitorais - o Distrito Federal e Goiás. O que lhe permite até escolher onde se candidatar, como fez em 1990.

DE GOIÂNIA A BRASÍLIA

No começo de 1990, Roriz era o ministro da Agricultura do então presidente Fernando Collor, depois de ter sido governador **bônico** de Brasília por quatro anos.

Foi quando decidiu se candidatar à primeira eleição direta para o governo do Distrito Federal, estimulado por uma pesquisa que revelava ser ele o único candidato que venceria Luis Inácio Lula da Silva numa eventual disputa entre os dois pelo Palácio do Buriti.

Só que o acerto que tinha com seus aliados goianos era outro. Ele acabaria seu período do DF e se lançaria ao governo de Goiás em 90.

Justificar para estes aliados que seus planos tinham mudado foi, nas suas palavras, "o maior problema político que enfrentei na minha vida".

Petista - A Acabou vencendo a eleição de 90 no primeiro turno, contra o senador Maurício Corrêa, do PDT. Antes dessa, teve o gosto de outras vitórias.

Em 78, no velho MDB, foi o deputado estadual mais votado de Goiás. Já tinha passado pela experiência de fundar, ao lado dos irmãos Santillo (Ademar e Henrique, atual ministro da Saúde), o PT de Goiás, onde ficaram quase um ano.

Roriz saiu porque não quis conviver com os radicais do partido, é o que diz. De volta à casa antiga, agora o PMDB, ficou em terceiro lugar para a Câmara dos Deputados e, em 86.

Mas foi em 68, como integrante da esquerdista "ala autêntica" do MDB e o vereador mais votado de Luziânia, cidade onde nasceu, que Joaquim Domingos Roriz começou sua carreira política.

Berço para isto ele tinha. O comerciante Lucena Roriz, seu pai, era um importante líder político em Luziânia. "Nunca almocei sem ouvir meu pai falar de política", lembra Roriz.

O candidato ao Senado e ex-secretário de Obras de Roriz, José Roberto Arruda, revela hoje que a

mesma característica se aplica ao filho: "Ele fala de tudo, mas gosta mesmo é de política".

"A profissão dele é político", confirma Renato Riella, ex-secretário do Trabalho de Roriz. É pelo exercício tão intenso quanto polêmico que fez desta profissão que pode-se começar a compreender a posição de Roriz como o grande cacique político do Distrito Federal.

"Ele trouxe para Brasília uma escola secular de fazer política, quando aqui não tinha quase nada", interpreta um assessor da Câmara Legislativa, acostumado a ver Roriz aprovar quase todos os seus projetos.

Escalada - "Brasília não tinha história política, as lideranças eram fracas e Roriz ocupou um vácuo", confirma Ricardo Pinheiro Penna, diretor da Soma Opinião & Mercado e acostumado a observar os movimentos do governador e da opinião pública.

A escalada começou em 88, quando Roriz foi nomeado governador pelo ex-presidente José Sarney. Ele se aproveitou de dois fatos para começar a sua expansão.

O primeiro era a rejeição que sofria seu antecessor, José Aparecido. Roriz tratou logo de marcar a diferença transformando o visual de uma cidade que estava suja e abandonada com a primeira "Operação Primavera".

Penna sentencia: "Quem começou a fazer o Roriz foi o Aparecido".

O sucesso de uma operação semelhante já havia sido testado por Roriz quando foi nomeado interventor na prefeitura de Goiânia, em 1987.

Deixou Goiânia com um índice de popularidade de 80%, convidado por Sarney para governar do DF. Além de ser vizinho de fazenda de Sarney em Luziânia, Roriz vinha muito a Brasília em busca de recursos. Do contato, surgiu o convite. E logo o governador identificou as enormes potencialidades políticas dos assentamentos, que já haviam começado na gestão Aparecido.

Dido Sampaio/Arquivo



Roriz com Fernando Henrique, obrigado a suportar uma constrangedora divisão de palanque em Brasília para beneficiar-se da força eleitoral do govern

Antônio Cunha/Arquivo



Luis Tojes



Luis Tojes

LOTES E VOTOS

Com a aceleração dos assentamentos, Roriz começou, segundo Penna, a "criar o seu estoque de votos, de prestígio, de popularidade".

O deputado federal e candidato ao Senado Federal pelo PSDB, Sigmaringa Seixas, é mais duro. Para ele, o primeiro objetivo de Roriz ao povoar as extensas áreas públicas que encontrou no DF foi "formar o seu curral eleitoral".

Leonel Paiva, ex-administrador do Núcleo Bandeirante e responsável por cultivar a rede de líderes comunitários leais a Roriz, dá outra explicação.

"Ele não teve como dialogar com os partidos locais, **by-passou** os políticos e foi direto na base".

A descrição cai como uma luva no figurino do líder populista brasileiro tradicional, aos quais, aliás, Roriz é comparado tanto pelos aliados quanto pela oposição.

Arruda admira a capacidade de Roriz entusiasmar o público no palanque. "Dizem que Getúlio tinha isto, de hipnotizar as massas".

Valmir Campelo compara o governador a Miguel Arraes. "Onde ele passa, as pessoas querem tocar, os meninos se agarram nas pernas dele, é uma loucura", descreve.

Curto prazo - Cristovam Buarque, candidato a governador pela Frente Brasília Popular, espelha bem o que pensa a oposição ao comparar o comportamento de Roriz com a malvezza proverbial do governador baiano Antônio Carlos Magalhães.

"Ele usa e abusa do DF como se fosse uma das suas fazendas, o que é uma característica dos coronéis", analisa o ex-reitor da UnB. "Ele é o coronel do cerrado, coronel no sentido nordestino", complementa o pernambucano Buarque. "É extremamente competente no curto prazo, para o imediato".

Pinheiro Penna vai no mesmo sentido. Para ele, a marca do governador é a ação imediata, que traz dividendos políticos rápidos.

Na sua opinião, "Roriz é um populista de resultados. Ele trata das

questões que incomodam a população para obter ganhos eleitorais? Sim. Isto está errado? Necessariamente, não!".

Uma destas questões é a moradia. Implantar os 17 assentamentos, que comportam hoje quase meio milhão de habitantes, foi mais que uma atitude de governo em favor dos pobres, como diz Roriz, ou uma iniciativa eleitoreira, como argumenta a oposição.

Cidadania - Foi, também, uma ação política das mais inteligentes, que encurralou os adversários num beco quase sem saída. Como partidos historicamente favoráveis à reforma agrária podem criticar a divisão da terra entre os mais pobres?

Alguns opositores dizem que não são contrários à distribuição em si dos lotes, mas sim aos objetivos e à forma como é feita.

"Até pelo processo como são doados os lotes, as pessoas que recebem não vão tomar conhecimento de sua cidadania. Elas não lutaram, não acham que é um direito delas e encaram os lotes como uma dádiva", ressalva Eurípedes Camargo.

Roriz responde que até concordaria com as críticas se estivesse distribuindo casas e não lotes. Ele diz que fazer os assentamentos foi inevitável, porque encontrou Brasília favelizada. E não admite que tenha estimulado a migração da pobreza para o DF.

"Se houve migração, isto poderia me impedir de dar uma solução para este problema?", pergunta.

E desafia os críticos: "Acho muito engraçado quem mora no Lago Sul criticar os assentamentos. Tenho certeza de que as empregadas deles não estão contrariadas de morar lá".

Para o governador, os assentamentos encarnam a verdadeira reforma urbana e a autêntica distribuição de renda. "Hoje estas pessoas têm um endereço e cidadania".

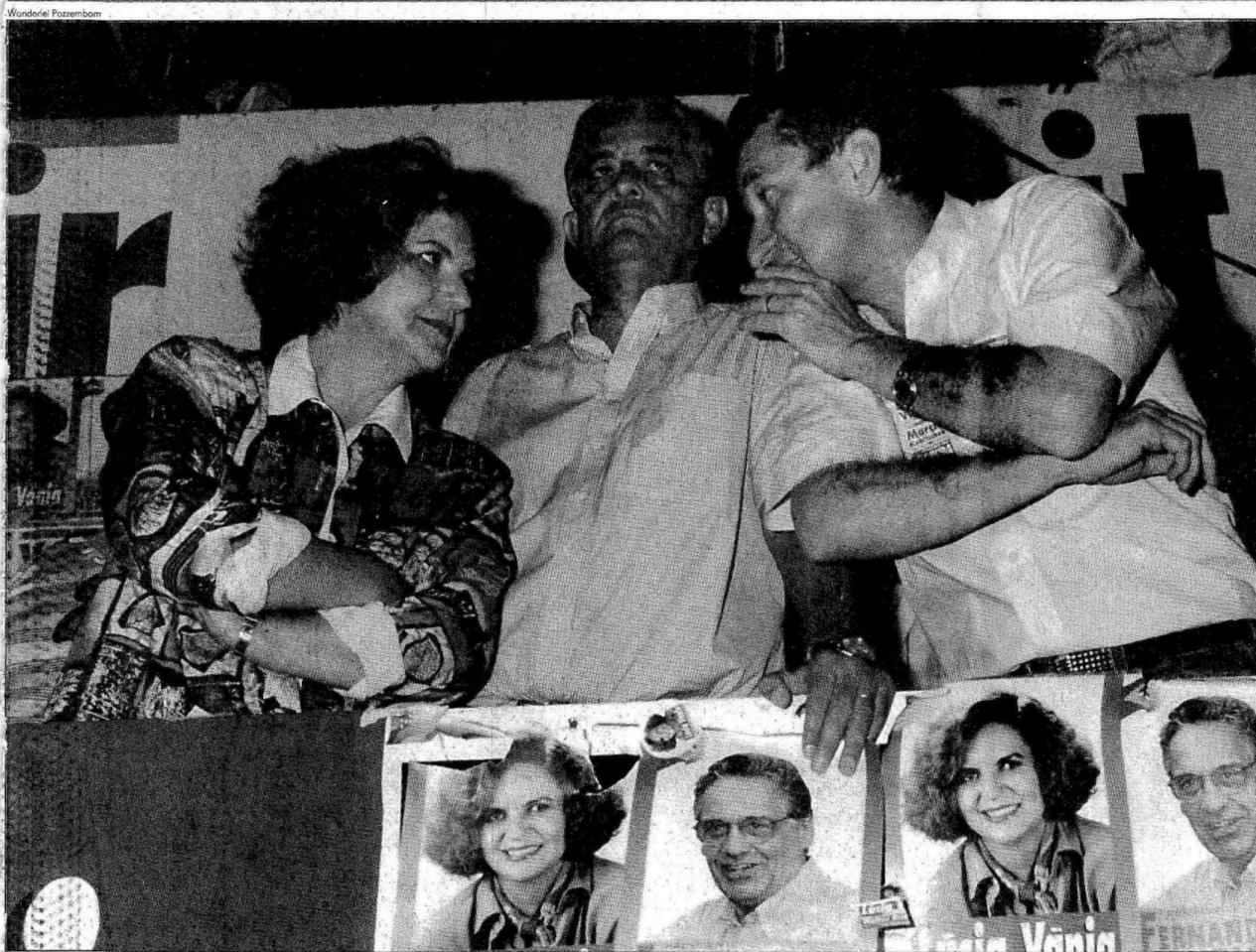
E dão votos, muitos votos, a Roriz e a seus aliados. O pesquisador Ricardo Penna avalia que Roriz detém 80% de popularidade nos assentamentos e, neles, transfere a quase totalidade de seus votos para seus aliados.



Fazer votos

“É uma pena que a militância de esquerda tenha de ter Roriz sempre presente, nas conversas e nas propostas”

Cristovam Buarque, candidato do PT ao Buriti



Roriz como o político anfíbio, entre Lúcia Vânia, candidata que ele apóia em Goiás, e Valmir Campelo, que ele quer fazer seu sucessor no DF

O CHEFE DA CAMPAINHA

Valmir Campelo diz que faz uma campanha independente, sem tempo para estar frequentemente com Roriz e que precisa até “cobrar mais” a participação dele.

Arruda vai na mesma linha. “Ele está meio distante, até porque não precisa participar muito”.

Mas na crise instaurada na tarde do dia 26 de agosto, sexta-feira, foi para a casa do chefe, em Águas Claras, que os dois correram.

Não só eles, mas também a candidata ao Senado, Marcia Kubitschek, o coordenador da campanha de Campelo, Renato Riella e assessores jurídicos da campanha.

No fim da manhã, voltando de sua fazenda em Luziânia, o governador Joaquim Roriz tomou conhecimento da ameaça. O PT havia entrado no TRE com uma representação contra o showmício que estava sendo preparado na Samambaia, para Fernando Henrique Cardoso, no dia seguinte. **O chefe** - O aborrecimento foi enorme. A campanha do seu grupo ganharia força a partir da cidade-símbolo de Samambaia, o mais polêmico assentamento.

Quem entrou em contato com FHC foi o chefe. Por telefone, o candidato tucano a presidente respondeu taxativamente.

“Roriz, a decisão política é sua. Se houver o comício, eu vou estar lá.”

Cabeças do comitê de FHC, como o presidente do PSDB, Pimenta da Veiga, não queriam arriscar a presença dele num comício polêmico. Roriz fez o trabalho de convencimento.

Foi ele também quem decidiu, no

meio da tarde, confirmar o evento. O comício foi afinal realizado, com Fernando Henrique presente.

Não foi a primeira nem a única interferência de Roriz na campanha. Além da série de inaugurações e solenidades das quais participaram os seus candidatos — agora afastados por ordem dele, para evitar as acusações da oposição — Roriz está em permanente articulação.

Mas estas ações não satisfazem ao governador. “Gostaria de trabalhar mais, mas tenho dois motivos para não fazer isto. Para não deixar a máquina administrativa ser envolvida e porque hoje nós temos mais estrutura política”, diz.

Uso da máquina - Apesar do cuidado em usar o carro particular nos comícios e reuniões políticas, Roriz continua a enfrentar a suspeita de que usaria a máquina administrativa em favor dos seus candidatos.

Ao lado das acusações de utilização dos órgãos públicos no showmício da Samambaia, a oposição levanta outra mais de fundo.

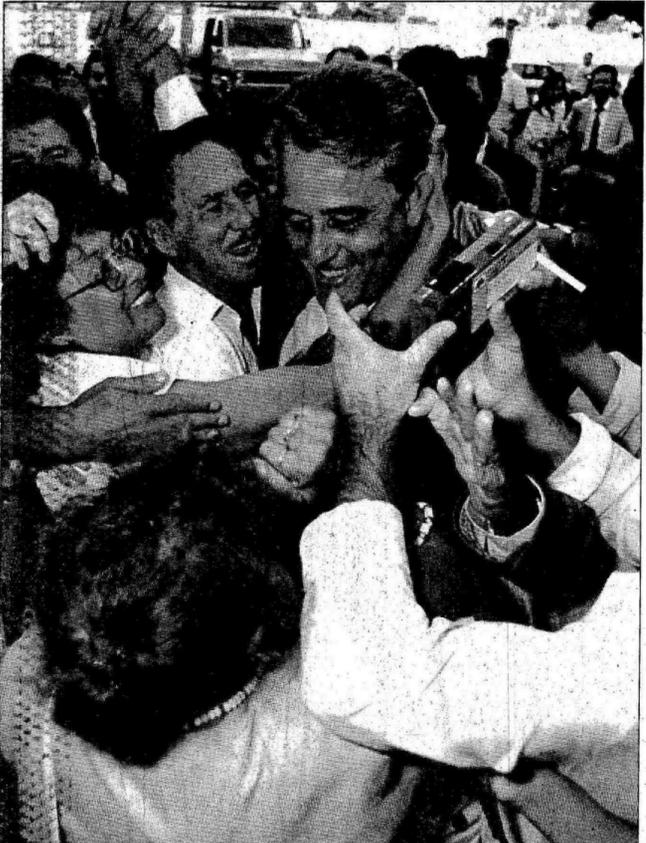
Segundo os deputados distritais Carlos Alberto (PPS) e Eurípedes Camargo, Roriz nomeou em torno de 9.000 funcionários sem concurso e criou cerca de 3.000 cargos em comissão nas Administrações Regionais.

Quase todas estas pessoas seriam, segundo Camargo, cabos eleitorais do grupo de Roriz.

O governador nega. Ele diz que estas pessoas têm contrato por prazo determinado e a contratação via convênios apenas supriu o descompasso entre o número de funcionários disponíveis e o crescimento da cidade, do número de administrações regionais e das demandas criadas pela criação da Assembléia Distrital.



Arquivo



A convivência sempre amistosa com os vizinhos do Planalto, Collor e Itamar Franco, e a conversa com um adversário que respeita, o deputado Chico Vigilante (no alto); os tempos difíceis da CPI do Orçamento (à esquerda), e fazendo política do jeito que mais gosta, entre a população dos assentamentos.

NO PALANQUE E EM FAMILIA

Praça do Britlar, no Pedregal, município de Luziânia, Goiás, a pouco mais de cem metros da divisa do DF. Nove horas da noite do domingo, 28 de agosto.

No palanque armado dentro de um vistoso trio elétrico, depois de quase duas horas de show ao vivo com uma competente banda, já tinham falado candidatos do DF e de Goiás.

Mas o discurso mais esperado era o de um político em fim de governo que não é candidato a nada. O governador Joaquim Roriz falou por último, um sinal de que ele era a verdadeira estrela da noite.

No meio do discurso, lembrando que era “filho de Luziânia”, Roriz anunciou que iria ser “bastante didático”.

A didática escolhida acabou se parecendo com a técnica de animação de um auditório de televisão.

O objetivo era deixar claro porque, afinal, aquele

era um comício misto, com candidatos dos dois lados da divisa.

“Quem aqui vota em Brasília, levanta a mão!”, clamou o governador.

Cerca de metade da platéia acenou para o palanque. Roriz, então, levantando a mão de Valmir Campelo, pediu votos para ele. E depois de salientar pedagogicamente que todos poderiam e deveriam votar em dois senadores, pediu votos também para Roberto Arruda e Márcia Kubitschek.

Em seguida, repetiu a pergunta, trocando Brasília por Goiás. E pediu votos para Lúcia Vânia, candidata a governadora, e outros candidatos de seu estado natal.

No meio, sempre pedagogicamente, Roriz não se esquecia de recomendar que todos, brasilienses e goianos, deveriam votar em Fernando Henrique Cardoso para presidente.

Para a surpresa de todos, Jorge Teles, de quase 90 anos, que sempre havia bebido cachaça, pediu um uísque. Era a festa de comemoração da vitória de Joaquim Roriz nas eleições para governador em 1990. Teles, pai de dona Wesliam Roriz, mulher do governador eleito, insistiu na inovação alcoólica e fez o brinde: — Até que enfim o meu genro vai tomar conta da minha fazenda!

Jorge Teles se referia às terras onde hoje está construindo o Plano Piloto, que haviam pertencido à sua família.

Naquele momento festivo, no entanto, ele não lembrou de que as áreas onde hoje ficam Guarã e de Taguatinga já foram da família do genro vitorioso.

O GRANDE ELEITOR

Cerca de vinte mil dessas pessoas lotaram a praça da administração regional da Samambaia para aplaudir Fernando Henrique Cardoso e os candidatos do governador no showmício do sábado, dia 27 de agosto.

Entre elas, os fiéis líderes comunitários, que formam uma rede de cabos eleitorais integrada por presidentes de associações e participantes de diversas entidades.

Joaquim Roriz afirma que estimulou a formação de associações porque não tinha interlocutores nas invasões, para discutir como fazer os assentamentos.

Leonel Paiva, o homem de Roriz junto às lideranças, revela que, quando há disputa pela direção de alguma entidade, ele entra firme na defesa dos aliados do governador.

“O nosso grupo reage fortemente contra os inimigos”, diz Paiva. O domínio de Roriz sobre as associações comunitárias é tão grande que permite a ele afirmar: “Eu duvido que tenha candidato a governador que não precise passar por esta militância.”

Futuro - Para quem comanda essa máquina e ganhou tantas eleições, é no mínimo surpreendente que Roriz não tenha se candidatado a nada em 94. Ele diz que não queria se afastar dos dois projetos prioritários que são os assentamentos e o metrô.

Mas assessores dele confessam que a CPI do Orçamento torpedeou o projeto de ficar disponível para ser vice na chapa de algum candidato a presidente.

Roriz não quer sequer ficar em Brasília depois das eleições. Diz que vai passar uns meses entre Washington e Nova Iorque, onde mora uma de suas filhas.

Segundo ele, para não atrapalhar Campelo, que já considera eleito. Nas suas contas, soma também cinco ou seis deputados federais aliados.

E para conseguir tudo isto, administra com determinação a máquina de fazer votos que construiu.

A sede fica na residência oficial

de Águas Claras, onde articula politicamente a maior parte do tempo, longe dos aborrecimentos do Palácio do Buriti.

“Eles têm que ouvir a voz do comandante”, diz Roriz. “Eles” são os 107 candidatos das coligações Frente Progressista e Aliança Liberal Progressista, que seguem sua liderança.

Dentro deste número, há mais ou menos duas dezenas de ex-secretários e ex-administradores regionais das duas gestões do governador.

Pelo menos duas vezes por semana Roriz também vai aos comícios dos seus candidatos majoritários.

“Todas as vezes que vou a algum lugar falo dos candidatos”, diz ele. “Agora estou precisando ir ao Paranoá, porque as pesquisas dizem que lá existe um grande número de indecisos. Qualquer dia vou lá com o Valmir, como cidadão, dizer que o meu candidato é ele”.

Ir “como cidadão” significa dispensar o carro oficial e usar uma de suas caminhonetes, para não dar argumento aos adversários.

Conselheiro - No começo do ano, Roriz foi como cidadão à casa de Maurício Corrêa para alertá-lo que não entrasse no PSDB, “um partido muito complicado”, na sua opinião.

O então ministro da Justiça não ouviu o conselho e perdeu o lugar. Em nova investida, foi à casa de Campelo em janeiro, dias antes do prazo final de mudança de partidos, convencê-lo a mudar do PTB para o PP.

O senador achou não iria ficar bem uma mudança em cima da hora e prometeu rediscutir o assunto depois das eleições.

Mesmo assim, Campelo acabou sendo o escolhido para ganhar o apoio do governador nas eleições. Roriz confessa que desde o começo o considerava o candidato “mas leve” e com mais chances de ganhar.

Corrêa estava fora e Arruda, na avaliação de Roriz, não tinha maturidade para administrar uma campanha tão complexa. Além disto, segundo reconhecem assessores próximos, tinha sido inviabilizado pelas acusações da CPI do Orçamento.

A ARTE DA CONQUISTA

O método de escolha do candidato a sucessor e o permanente monitoramento da campanha de seus aliados mostram que a força do chefe não prescinde de uma extrema habilidade em manobrar nos bastidores.

“Minha família tinha um pouco este estilo, mas eu não me sinto como um coronel. Eu procuro conquistar e coronel é aquele que impõe”, analisa o governador, respondendo à crítica dos que o chamam de coronel do cerrado.

A conquista, em certos casos, é exercer o reconhecido fascínio pessoal, que impressiona até os adversários. “Tive poucas, mas boas relações com ele”, lembra Cristovam Buarque, referindo-se ao tempo em que era reitor da UNB.

Colaboradores próximos revelam, ainda, que Roriz, do seu lado, nutre um respeito todo especial pelo deputado federal Chico Vigilante (PT), um de seus mais ferrenhos adversários na política de Brasília.

Mas conquista, também pode significar troca de favores para manter o domínio político. É o que, segundo a oposição, Roriz faz usualmente na Câmara Legislativa, para garantir a maioria na casa.

Majoria - O deputado Benício Tavares, presidente da Casa, teria sido conquistado com o argumento de que, na oposição, não teria sucesso em sua política assistencialista junto aos deficientes físicos.

Edmar Pirineus e Jonas Vetoracci teriam sido outros conquistados pela impossibilidade de indicarem os administradores regionais de Brazlândia e Sobradinho, respectivamente. Os três parlamentares saíram do PDT e foram para o PP.

“Já fui deputado e sei que a principal preocupação de um parlamentar é com a sua reeleição. Então eu disse para eles que se viessem para o meu lado, teriam mais condições de se reeleger”, admite Roriz.

O que é indiscutível é que a troca de lado dos parlamentares garantiu a Roriz uma maioria relativamente confortável na Câmara.

São raras as derrotas dele, como a da semana passada, quando não conseguiu aprovar uma emenda à Lei Orgânica do DF que permitiria a doação aos ocupantes dos 120 mil lotes que distribuiu.

Mesmo assim, há uma atenuante. Por ser uma emenda à Lei Orgânica, a votação exigia quorum qualificado de dois terços, ao contrário das votações normais, que dificilmente perde.

Entorno - Político anfíbio, com um pé em Brasília e outro em Goiás, Roriz também não descuidou de manter vivas suas ligações com a política do estado que circunda o Distrito Federal.

Participa de comícios no Entorno — as regiões de Goiás mais próximas do DF, sujeitas à influência política e econômica da capital federal — com o duplo objetivo de buscar para o seu grupo os milhares de votos dos eleitores que têm título de Brasília e moram em Goiás, e apoiar os candidatos goianos seus aliados, capitaneados pela deputada Lúcia Vânia, candidata ao governo do estado (ver quadro acima).

Entre os candidatos goianos estão o primo Orlando Roriz e dois ex-funcionários seus no GDF: Walter Queiroz, vice de Lúcia Vânia, que foi subsecretário para o Entorno, e Edimar Braz, ex-presidente da SAB e ex-administrador de Taguatinga.

A participação fundamental de Roriz nos comícios na divisa entre o DF e Goiás e os candidatos de “dupla naturalidade” que apóia são uma demonstração do empenho do maior líder político do DF em manter firme o pé também no território onde começou a sua carreira política.

Ninguém duvida de que essa carreira não se encerra agora, mesmo que ele não tenha se candidatado a nada. Roriz nega as especulações de que poderia vir a ocupar um cargo no GDF — presidente do Banco de Brasília, talvez, de onde poderia manter sua máquina política atuante e em boa forma. E não revela o que pretende em 1998, quando terá novamente dois estados para escolher onde concorrer.